

CLIPPING IMPRESSO

17/05/2020



ÍNDICE

1. JORNAL ATOS E FATOS	
1.1. JUÍZES.....	1 - 2
2. JORNAL O DEBATE	
2.1. COMARCAS.....	3
3. JORNAL PEQUENO	
3.1. ASSESSORIA.....	4
3.2. JUÍZES.....	5
3.3. VARA DE INTERESESSES DIFUSOS E COLETIVOS.....	6 - 7

Osmar Gomes dos Santos, Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



SAUDADES DE MIM

Tal como a letra da música “Casaco Marrom” (Evinha), queria voltar aos velhos tempos de mim. Sim, sinto saudade de mim, da época que simplesmente podia tomar a velha bicicleta nas mãos e sair às pedaladas sem rumo, com destino a qualquer lugar, à liberdade.

Decerto que, agora, precisamos seguir as medidas de isolamento impostas pelas autoridades para conter a Covid-19. Mas vai passar.

E quando passar, terei voltado aos bons tempos de mim. Sentir o vento bater no rosto, o coração palpitar mais forte, o suor escorrer pelo corpo até chegarem as primeiras gotas de chuva que lavavam o franzino corpo, mas incapazes de abafar o fogo que ardia dentro do peito. Das brincadeiras na ladeira, aproveitando a cachoeira que se formava com a água que corria.

As luzes se esvaindo davam lugar às primeiras sombras, que anunciam a chegada da noite. Hora de partir para casa. No pequeno banheiro, o balde cheio denotava que a água da chuva fora aproveitada. Hora do banho de cumbuca.

Parte do almoço virava a sopa da noite, que aquecia e matava a fome. Quando não, um café preto com pedaços de pão que sobraram da manhã acalentavam o estômago. Apenas mais uma noite, logo o sol há de nascer. Era o pensamento que pairava em minha mente, já imaginando as novas aventuras do novo dia.

O tempo me trouxe muitas outras noites e igual quantidade de dias para aproveitar a minha liberdade. Com o passar dos anos, já não era aquela liberdade pueril, descompromissada, mas, ainda assim, o próprio arbítrio dava direção aos passos a serem seguidos.

Tantos anos a fio se passaram e em nenhum momento havia parado para pensar naquela tal liberdade. Na verdade, jamais esperava perdê-la, posto que sempre busquei me orientar pelos princípios ético e morais transmitidos por meus pais. Hoje, em meio à necessidade de nos isolarmos, percebo como era boa aquela sensação.

A liberdade que sempre usei como bem quis, embora com responsabilidade, às vezes sem dar a ela o devido valor, agora me faz falta. Vejo-a se esvair, como aquele sol no fim da tarde, que já não posso alcançar.

Ó, liberdade, deixe desse jogo de esconde-esconde, pois já não tenho mais idade para tais peripécias. A vitalidade de outrora já não pulsa em minha veia, então não me faça correr atrás de você, pois até aquela bicicleta, companheira de aventuras, o tempo corroeu sem piedade.

O jeito mesmo é você voltar. Deixar que te apanhe nos braços e te carregue no seio de minh'alma para não mais sair.

Prometo que serei ainda melhor desta vez, respeitando sempre os seus limites. Se voltares para mim, juro dar mais valor a ti. Sairemos sempre de mãos dadas, abraçados ou seja lá como quiser que te leve: nos braços, nos ombros, dentro do peito, na imaginação. Basta dizer.

Mas não tarde. As horas passam e a esperança parece cada vez mais longe. Esperança que agora, em pensamento, me faz te tomar pelos braços e correr pelos campos verdejantes da minha baixada.

Ah, mas não te quero só pra mim. Quero te dividir, permitir que todos te toquem novamente, te vejam, te sintam, te provem. Não és só de um, mas de todos.

Ó, liberdade, quanta falta sinto de ti. De poder calçar os tênis e caminhar contigo no calçadão a contemplar nossas belas praias, sentindo a brisa tocar o rosto. Saudade de ti, que não tens preço, mas possui valor absoluto e inestimável, que nenhum cífrão pode pagar.

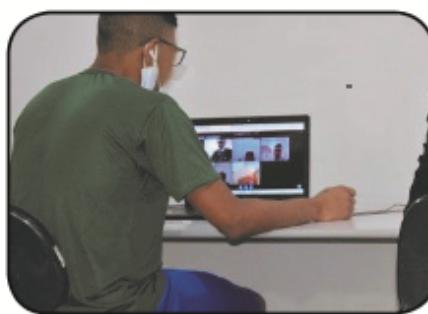
Volte, liberdade. Tu que conjugas tão bem com o estar, o ir e vir, o reunir, o pensar, o expressar. Já não sou aquele pequeno descompromissado, sem rumos e desprovido de sérias responsabilidades. Estou pronto pra ti.

Não aguento mais a clausura. Quero voltar a abrir a porta do dia e entrar sem pedir licença. Sorrir pra qualquer pessoa, pra qualquer rosto, mesmo que dele não venha retribuição.

Sim, vai passar. Depois que a cortina do medo se esvair, eu vou tomar o meu casaco marrom e vou voltar aos velhos tempos de mim e correr com você de mãos dadas pelos rumos que a vida levar.

Bate Rebate

AUDIÊNCIAS POR VIDEOCONFERÊNCIA



Diante do contexto de pandemia, a tecnologia tem sido uma aliada para a resolução de inúmeras demandas do dia a dia e tem possibilitado, inclusive, a realização de audiências por videoconferência. Nesse contexto, adolescentes que cumprem medidas socioeducativas na

Fundação da Criança e do Adolescente (Funac) estão participando das audiências nesta modalidade. Em articulação com o Sistema de Justiça de Imperatriz, Timon e Paço do Lumiar, já foram realizadas cerca de 15 audiências nos procedimentos de apuração de atos infracionais e execução de medidas socioeducativas. A medida garante a saúde e segurança dos socioeducandos frente à pandemia.

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua acarloslua@folha.com.br



Um salto para o abismo

Diante das curvas ascendentes de infectados e mortos com o novo coronavírus, o Brasil assume o jogo mortífero com a política macabra contra a população vulnerável jogada hoje à própria sorte.

O país vive hoje um dos piores momentos da sua história, ao tornar-se evidente o sacrifício de vidas em prol do funcionamento de uma máquina fundada na desigualdade e na injustiça.

O primeiro consenso que podemos extrair da pandemia é o fracasso das políticas de saúde frente ao novo coronavírus, resultado da negligência do Brasil, que não antecipou uma resposta à altura diante da complexidade do problema.

Desde a repressão na China ao médico Li Wenliang – o primeiro profissional de saúde no mundo que alertou sobre o surgimento do novo coronavírus – o Brasil incorporou a indiferença e inércia dos países europeus, perdendo um tempo precioso que custou e custará dezenas de milhares de vidas.

Agora, a situação piorou. A descrença se transformou em ação política, convertendo a postura antissistema governista em verdadeiro desdém organizado contra a sociedade brasileira.

Diante de uma realidade que se impôs, o caos se agrava ainda mais no Brasil, que é a única Nação – com exceção da Bielorrússia – cuja autoridade máxima não só minimiza o problema, mas defende que as mortes devem fazer parte da rotina do país, custe o que custar.

Na verdade, o Executivo Federal quer escolher quem vai sobreviver e quem vai morrer, através das políticas de controle através da morte – a chamada necropolítica, conceito do filósofo camaronês Achille Mbembe para descrever situações onde vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”.

Mas seria um erro nos concentrarmos apenas nessa manifestação abertamente mortífera. Precisamos colocar também nossa reflexão na linha do tempo.

No último ciclo político-econômico o Brasil ensaiou um salto para o abismo, quando as condições de vida passavam por uma mudança silenciosa, com a precarização em várias áreas sociais, crises políticas e econômicas, além de problemas coletivos urgentes.

Agora, em 2020, com os olhos assustados com a presença do novo coronavírus, somos interpelados novamente pelas mesmas questões, exigindo uma mobilização em torno de um problema real e concreto. Antes mesmo de haver clareza sobre quais medidas devem ser adotadas para reduzir o impacto do novo coronavírus no país, o fato novo que surgiu foi uma rápida mobilização transversal impensada que ativou uma sociedade fragmentada e já acostumada com a multiplicação de polêmicas e disputas políticas vazias.

As bases de uma nova cooperação social e de uma nova confiança horizontal, no entanto, até agora não foram lançadas, fugindo-se do desafio real e inédito de enfrentar os dramas de uma pandemia.

Todas as medidas apontadas como solução para o problema foram grosseiramente rejeitadas pelo Governo Federal, pelo fato das mesmas se distanciarem da política que vem sendo feita através das redes sociais, das redes de intriga e de mentiras, da produção contínua de bodes expiatórios e inimigos, da normalização pela ignorância e do fomento ao caos e à fragmentação social.

Os neoliberais não querem que as pessoas pensem em novas políticas sociais, em medidas de valorização da vida, na importância dos bens comuns, na necessidade de compartilhar informações seguras, no papel da ciência e das universidades e na urgência de uma união de esforços para além do sectarismo.

Ao contrário, eles dão vazão ao barulho performático do populismo para fazer com que suas práticas perversas encontrem ressonâncias nas forças antidemocráticas e autoritárias. Esquecem que, diante da catástrofe, a coragem de falar a verdade assume um sentido prático e relevante.

Os neoliberais e populistas estão presos a um mundo que já acabou e tentam estimular revoltas num movimento que cresce por dentro de seus currais digitais e círculos de fanatismo, canalizando a energia antissistêmica para a exposição da população à morte.

Ao mesmo tempo, alimentam e multiplicam as ameaças constantes e as velhas rixas improdutivas, contrapondo cinicamente a economia e a saúde. Assim, eles confrontam os limites de sua própria inépcia, mobilizando a política para a morte na tentativa de retomar as rédeas de uma realidade que já está em outro lugar.

Mesmo observando o caráter incontornável da pandemia, observamos no Brasil a lentidão na concepção e na efetivação dos programas para o enfrentamento dos efeitos negativos do novo coronavírus.

Há uma tentativa de equacionar os vivos e os mortos a partir da falsa racionalidade dos balancetes econômicos e tabelas contábeis.

No atual estágio da pandemia, está claro que essa lógica nada mais é do que uma lógica da cova rasa, uma política da morte contra a qual devemos, urgentemente, contrapor com uma política da vida.

Espera-se que a experiência coletiva de uma mobilização solidária sirva de vacina para essas armadilhas e passe a compor o terreno concreto para uma democracia adequada ao mundo que emerge diante de nós.

Um grande retrocesso está em curso no nosso país com visões contrárias aos direitos humanos e ao direito à vida, anulando décadas de conquistas voltadas para a construção de uma sociedade mais democrática.

Contra esse retrocesso é necessário uma luta urgente em defesa da democracia e da cidadania.

Ao tempo em que esses enquadramentos políticos são destacados, observa-se uma dimensão da dinâmica da política atual, que tem sido negligenciada com a investida contra os direitos que resultam das conquistas democráticas das últimas décadas.

Os setores conservadores fazem alianças para uma mobilização com vistas a reduzir os direitos sociais, a dignidade e as condições políticas para o exercício pleno da cidadania.

As forças保守adoras e ultraliberais convergem na defesa de menor presença do Estado na regulação da economia, na defesa da aplicação de políticas e de subsídios públicos para os setores mais vulneráveis da população.

Ao mesmo tempo, elas querem ver cada vez mais o Estado ampliando os controles, reduzindo a autonomia para criminalizar os pobres. O que conclui-se é que nossa democracia tem ainda um longo, duro e tortuoso caminho a percorrer.

Osmar Gomes

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



SAUDADES DE MIM

Tal como a letra da música “Casaco Marrom” (Evinha), queria voltar aos velhos tempos de mim. Sim, sinto saudade de mim, da época que simplesmente podia tomar a velha bicicleta nas mãos e sair às pedaladas sem rumo, com destino a qualquer lugar, à liberdade.

Decerto que, agora, precisamos seguir as medidas de isolamento impostas pelas autoridades para conter a Covid-19. Mas vai passar. E quando passar, terei voltado aos bons tempos de mim. Sentir o vento bater no rosto, o coração palpitar mais forte, o suor escorrer pelo corpo até chegarem as primeiras gotas de chuva que lavavam o franzino corpo, mas incapazes de abafar o fogo que ardia dentro do peito. Das brincadeiras na ladeira, aproveitando a cachoeira que se formava com a água que corria. As luzes se esvaindo davam lugar às primeiras sombras, que anunciam a chegada da noite. Hora de partir para casa. No pequeno banheiro, o balde cheio denotava que a água da chuva fora aproveitada. Hora do banho de cumbuca.

Parte do almoço virava a sopa da noite, que aquecia e matava a fome. Quando não, um café preto com pedaços de pão que sobraram da manhã acalentavam o estômago. Apenas mais uma noite, logo o sol há de nascer. Era o pensamento que pairava em minha mente, já imaginando as novas aventuras do novo dia.

O tempo me trouxe muitas outras noites e igual quantidade de dias para aproveitar a minha liberdade. Com o passar dos anos, já não era aquela liberdade pueril, descompromissada, mas, ainda assim, o próprio arbítrio dava direção aos passos a serem seguidos.

Tantos anos a fio se passaram e em nenhum momento havia parado para pensar naquela tal liberdade. Na verdade, jamais esperava perdê-la, posto que sempre busquei me orientar pelos princípios ético e morais transmitidos por meus pais. Hoje, em meio à necessidade de nos isolarmos, percebo como era boa aquela sensação.

A liberdade que sempre usei como bem quis, embora com responsabilidade, às vezes sem dar a ela o devido valor, agora me faz falta. Vejo-a se esvair, como aquele sol no fim da tarde, que já não posso alcançar.

Ó, liberdade, deixe desse jogo de esconde-esconde, pois já não tenho mais idade para tais peripécias. A vitalidade de outrora já não pulsa em minha veia, então não me faça correr atrás de você, pois até aquela bicicleta, companheira de aventuras, o tempo correu sem piedade.

O jeito mesmo é você voltar. Deixar que te apanhe nos braços e te carregue no seio de minh’alma para não mais sair.

Prometo que serei ainda melhor desta vez, respeitando sempre os seus limites. Se voltares para mim, juro dar mais valor a ti. Sairemos sempre de mãos dadas, abraçados

ou seja lá como quiser que te leve: nos braços, nos ombros, dentro do peito, na imaginação. Basta dizer. Mas não tarde. As horas passam e a esperança parece cada vez mais longe. Esperança que agora, em pensamento, me faz te tomar pelos braços e correr pelos campos verdejantes da minha baixada.

Ah, mas não te quero só pra mim. Quero te dividir, permitir que todos te toquem novamente, te vejam, te sintam, te provem. Não és só de um, mas de todos.

Ó, liberdade, quanta falta sinto de ti. De poder calçar os tênis e caminhar contigo no calçadão a contemplar nossas belas praias, sentindo a brisa tocar o rosto.

Saudade de ti, que não tens preço, mas possui valor absoluto e inestimável, que nenhum cifrão pode pagar.

Volte, liberdade. Tu que conjugas tão bem com o estar, o ir e vir, o reunir, o pensar, o expressar. Já não sou aquele pequeno descompromissado, sem rumos e desprovido de sérias responsabilidades. Estou pronto pra ti.

Não aguento mais a clausura. Quero voltar a abrir a porta do dia e entrar sem pedir licença. Sorrir pra qualquer pessoa, pra qualquer rosto, mesmo que dele não venha retribuição.

Sim, vai passar. Depois que a cortina do medo se esvair, eu vou tomar o meu casaco marrom e vou voltar aos velhos tempos de mim e correr com você de mãos dadas pelos rumos que a vida levar.



Mistérios

*** Quem foi o integrante do STJ que “entrou de sola” no juiz Douglas de Melo Martins, por causa da live que ele fez com o deputado estadual Duarte Jr, e depois foi flagrado fazendo uma live com um colega de toga??!!



*** Aí você vai nas agências de notícias e depara com a ‘bombynha’ de que Humberto Martins, eleito por aclamação para a presidência do Superior Tribunal de Justiça, participou, quarta-feira, 13, de uma live ao lado de Cesar Asfor Rocha, ex-ministro do STJ, investigado por suspeita de receber propina da Camargo Corrêa para enterrar a Operação Castelo de Areia!!! E uma live patrocinada pela JBS!!! Mas, vem cá, não foi esse Humberto Martins aí que “caiu matando” no juiz maranhense Douglas de Melo Martins por ter feito uma live com Duarte Jr para explicar o lockdown???!!! ‘Rapá’, ..., eita hipocrisia!!! “Jesus/Maria/José”...!!!